



Cartografia da Informação: pressupostos analíticos e proposições para *site*-referência em Jornalismo Colaborativo¹.

Jorge Rocha²
Felipe Torres
Mariana Celle³

Universidade Fumec

Resumo

O Jornalismo Colaborativo reconfigura a estrutura informacional jornalística, proporcionando parâmetros de maior interação entre os agentes participantes do processo comunicacional. Em *sites* jornalísticos que operam no sistema *bottom-up news*, equipe editorial e audiência, classificados como interagentes (Primo, 2004) podem trabalhar em conjunto no desenvolvimento de publicações jornalísticas. É a partir da lógica de desenvolvimento de uma linguagem webjornalística colaborativa e a função deste profissional como cartógrafo da informação que se insere a pesquisa “*Participatory Journalism*”: práticas e papéis dos jornalistas na Internet⁴, que terá como projeto empírico a construção de um *site*-referência, pioneiro no país.

Palavras-chave

Webjornalismo Participativo; interação; comunicação interpessoal; sistemas colaborativos; cartógrafo da informação.

Possibilidades interacionais do Jornalismo Colaborativo em ambiente digital

Na década de 90, o Jornalismo se viu diante de uma reconfiguração dos processos comunicacionais ocasionada por uma mídia que, após tramitar por dimensões estatais, militares e acadêmicas tornava-se de uso público: a Internet. O novo suporte midiático potencializava inúmeras ferramentas comunicacionais, além de novos parâmetros tecnológicos e práticos de produção, organização, publicação e acesso à

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor de Jornalismo Digital I e II da Universidade Fumec – BH-MG. Coordenador do Laboratório de Jornalismo Digital, responsável pelo portal de comunicação universitário Ponto Eletrônico – <http://www.pontoeletronico.fumec.br>. Mestre em Cognição e Linguagem pela Uenf (Universidade Estadual do Norte-Fluminense) – Campos-RJ. email: hipermidia@fch.fumec.br

³ Graduando do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Fumec – BH-MG. Bolsistas Propic-Fumec.

⁴ Financiada pelo Propic, a primeira etapa da pesquisa teve início em fevereiro de 2006 e foi finalizada em fevereiro de 2007. Após este prazo, foi renovada por mais doze meses, devendo terminar em fevereiro de 2008.



informação. Assim como no surgimento do impresso, do rádio e, posteriormente, da televisão, o Jornalismo iria passar por um processo de adaptação/adequação ao meio e desenvolvimento de suas possibilidades. É a partir deste ponto de desenvolvimento de uma linguagem webjornalística que se insere a pesquisa “*Participatory Journalism*”: práticas e papéis dos jornalistas na Internet”, tendo como principal função colaborar para a compreensão do papel do webjornalista em sistemas interacionais, assumindo a função de cartógrafo da informação apto a trabalhar em sistemas colaborativos e comunicação inter-pessoal.

Em sua primeira fase, em 2006, o projeto primou pela verificação e análise de *sites* que desenvolvem o Jornalismo Colaborativo. Com o avanço da pesquisa, optamos por substituir a nomenclatura *Participatory Journalism* por uma expressão correspondente em português, de modo a buscar uma integração com outros pesquisadores deste tema. Além do termo Jornalismo Colaborativo, deparamo-nos com outros como Jornalismo *Open-Source* e Webjornalismo Participativo⁵, utilizados para explicar o *modus operandi* colaborativo em processos de comunicação interpessoal voltados para a Internet. Optamos por Jornalismo Colaborativo – assim como têm feito outros pesquisadores que também prezam a integração das pesquisas acadêmicas a respeito deste tema –, levando em consideração dois pontos que nos parecem essenciais:

- 1) entendemos que tal termo denota as práticas participativas possíveis em qualquer mídia⁶;
- 2) pretendemos, com tal opção, evitar a profusão de termos a respeito do mesmo campo de estudos.

No entanto, é válido ressaltar que o foco desta pesquisa se encontra nas práticas webjornalísticas em ambientes digitais colaborativos. Assim como o compreendemos, nosso foco insere-se na lógica do Jornalismo Colaborativo, mas é direcionado para as especificidades da produção informacional na Internet. Em ambientes digitais que primam pela colaboração, essas peculiaridades se evidenciam no papel preponderante da audiência na coleta, organização e publicação de conteúdos e na função dos jornalistas de organizar, mapear, selecionar as informações e ser o elo entre as comunidades virtuais.

O Jornalismo Colaborativo reconfigura a estrutura transmissionista informacional, proporcionando novas formas de interação entre “produtores” e

⁵ Respectivamente Brambilla (2006) e Primo e Träsel (2006)

⁶ Tanto massiva quanto interacional, tendo em vista suas especificidades e potencialidades.



“consumidores”, o que afeta diretamente o papel do jornalista e do Jornalismo no meio digital. A participação efetiva e conjunta de “produtores” e “consumidores” de informação em ambientes digitais, definidos como interagentes⁷ (Primo 2004) por suas possibilidades interacionais, tem condições de ser potencializada. Isso significa que “produtores” e “audiência” podem trabalhar em conjunto no desenvolvimento de conteúdos.

Esta participação pode acontecer ainda no processo de formulação da pauta para a possível produção do texto, ou mesmo posteriormente, quando esse já estiver disponibilizado no meio e sujeito a correções, ajustes e complementações. Colaboraram para essa reconfiguração, dentre ainda outras condições, o “maior acesso à Internet e interfaces simplificadas para publicação e cooperação *online*; a popularização e miniaturização de câmeras digitais e celulares; a ‘filosofia hacker’ como espírito da época; insatisfação com os veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa.” (PRIMO 2006)

As análises realizadas na primeira versão desta pesquisa foram voltadas para a busca de funções e valores interacionais do webjornalista permeados pelas especificidades da mídia e pela interlocução entre interagentes ou comunidades virtuais⁸. A abordagem sistêmico-relacional de interação⁹ (Primo, 2004) foi escolhida para avaliar o modo de operação dos hiperdocumentos. Os *sites* analisados foram o *OhMyNews International* (OMNI), Centro de Mídia Independente (CMI) e *Slashdot*¹⁰. Todos eles trabalham com uma estrutura interacional, na qual a audiência é parte ativa e participativa na produção de informação.

O *OhMyNews* é um dos mais representativos *sites* de aplicação do Webjornalismo Participativo. Fundado em 2000 pelo jornalista coreano Oh Yeon Ho, é uma grande comunidade jornalística, já que cada internauta tem a possibilidade de

⁷ Segundo Primo e Trasel (2006,p.4), o termo “usuário”, provindo da indústria da informática, que se refere aos consumidores de *hardware* ou *software*, é inadequado a esta discussão. O termo “interagente”, que destaca a participação ativa no processo interativo, é aqui preferido”.

⁸Definição de Rheingold (1993) “de que as comunidades virtuais são como agregações sociais que emergem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção, e que forma teias de relações pessoais no ciberespaço”. (Rheingold, 1993, in Primo 2005, p.01).

⁹ A abordagem defendida por Primo especifica que o processo comunicacional da mídia digital não deve ser compreendido apenas como um conjunto de proposições individuais, “mas deve valorizar os processos que integram as ações dos comunicadores (PRIMO 2004)”

¹⁰Respectivamente, <http://www.english.ohmynews.com>, <http://www.midiaindependente.org> e <http://www.slashdot.com>



tornar-se um “cidadão-repórter¹¹”. O *site* trabalha com regras definidas e com dezenas de profissionais contratados para auxiliar a audiência na produção de conteúdo. Desde de 2004 está *online* a versão internacional do *OhMyNews*, em inglês.

O Centro de Mídia Independente trabalha na perspectiva de fugir da lógica da mídia corporativa na produção de informação. Para isso, conta com uma série de grupos ativistas anti-globalização espalhados por todo mundo. O *site* possibilita que qualquer pessoa que o acesse possa publicar conteúdo. As mensagens podem ser enviadas como texto, áudio e vídeo. O CMI foi formado a partir do sistema *IndyMedia*, criado para cobertura das manifestações em Seattle, em 1990.

O *Slashdot* foi criado em 1997 por Rob Malda, formado em Ciências da Computação. Ele ainda é responsável pelo projeto. O *site* conta com milhares de usuários cadastrados que se interessam, principalmente, em código aberto, programação e estudos da tecnologia. O *Slashdot* foi premiado pela revista *BusinessWeek Online* como um dos melhores serviços de notícias da área de tecnologia¹².

A pesquisa de 2006/2007 verificou que a audiência é parte essencial e participativa no sistema de produção de informação desses sites, o que torna importante a compreensão de dois pontos fundamentais do processo de comunicação na mídia digital: seu caráter não-massivo e seu caráter interacional¹³. Para isso, foi realizada a diferenciação entre os modos de produção voltados para os meios de comunicação de massa – *broadcast* – e aqueles observados na mídia digital – *social network*.

O sistema *broadcast*, aplicado à mídia massiva, utiliza um processo centralizador de produção informacional. Podemos considerar essencialmente que o enfoque transmissionista concentra-se no processo “um-todos”, ou seja, um produtor para inúmeros receptores. A estrutura adotada por essas organizações é sólida, inflexível e rígida. As decisões centralizadoras disseminadas propiciam um *feedback* mínimo, e, muitas vezes, inexistente. Além disso, o sistema *broadcast* permite um controle da

¹¹ Modo jornalístico que consiste na “forma pela qual cidadãos ou grupo de cidadãos desenvolvem uma participação ativa no processo de coleta, organização, análise e disseminação de notícias e informação” (BOWMAN e Willis, 2003, p.9)

¹² http://www.businessweek.com/technology/bestof/itorpicks.htm?campaign_id=bo

¹³ A participação da audiência no Jornalismo Colaborativo chega “ao limite de ampla e irrestrita redação e edição por parte de qualquer pessoa com acesso à rede. Abre-se, assim, espaço para a interação mútua (Primo, 2004), na qual o desenvolvimento do processo interativo é negociado entre os participantes” (Primo e Träsel, 2006). Isso não é possível na estruturação dos veículos de comunicação de massa, onde a participação da audiência é limitada e filtrada. “O fluxo do processo massivo é predominantemente em sentido único, Thompson (1998) aponta que ele é monológico” (Primo & Träsel, 2006)



informação, principalmente através do *agenda setting*, que pauta o grau de noticiabilidade de um determinado fato.

A possibilidade de reunir em um único ambiente de interação os agentes do processo de produção, disseminação e recepção da mensagem faz com que o Jornalismo tenha condições de potencializar níveis de aprofundamento do conteúdo, agregando criticidade e novos pontos de vista. O sistema *bottom-up news*, ancorado no “todos-todos”, ou seja, todos produzindo para todos, possibilita uma organização em que as etapas do processo comunicacional (discussão e elaboração da pauta, apuração, desenvolvimento do texto, futuras correções) se inserem nas trocas relacionais, nos ambientes de interação que permeiam as relações sociais.

A pesquisa ainda verificou que papel do jornalista ganha novos contornos no Jornalismo Colaborativo, uma vez que este profissional é evidenciado como um cartógrafo da informação, um elemento de ligação entre os interagentes e comunidades virtuais, um agente participativo que atua no processo de co-enunciação¹⁴. Sua capacidade deve ser a de “selecionar, hierarquizar, enquadrar e personalizar notícias, levando em conta as potencialidades inerentes à Internet como fonte de pesquisa e escoamento de produção” (ROCHA, 2005). A conscientização que outras pessoas podem saber mais que o webjornalista sobre determinado assunto se faz necessária e torne-se um estímulo para que a produção com a audiência se acentue e a troca de conhecimento seja constante. Evidencia-se que a mídia digital deve ser compreendida e dimensionada na valorização dos processos que integram as ações dos comunicadores, como defende Primo (2004), e não como um conjunto de proposições individuais.

Com a possibilidade de qualquer internauta acessar e publicar informações na rede de computadores verifica-se que a noção de *gatekeeper* perde sua aplicabilidade, já que não se pode mais enquadrar o jornalista apenas como um mediador ou um filtro. O *gatekeeper* tem sua razão prática nos meios de comunicação de massa. Suas funções são a de verificar e filtrar o que parece relevante e adequá-lo ao espaço físico, por exemplo, do impresso ou alguns compactos minutos no formato televisivo. Para Alex Primo, é como se existissem “portões” de informação controlados por jornalistas em redações, responsáveis por selecionar quais fatos serão publicados, de acordo com critérios de

¹⁴ Pode ser entendido como uma rede de participação em que o usuário é “causa e produto daquilo que ele produziu.” e incompatível com a elaboração de programas estritamente baseados em um sistema fechado e inflexível.” (ROCHA 2006)



noticiabilidade”(Primo,Träsel,2006). Já no meio digital surge a figura do *gatewatcher*¹⁵, já que não há mais a restrição do espaço. Desta forma a informação não precisa ser rejeitada pela falta do mesmo. A seleção da informação torna-se mais importante que sua coleta. “Cria-se a necessidade de avaliá-la, mais do que descartá-la.” (PRIMO 2004). E esta é a tarefa do *gatewatcher*, que também trabalha na apuração e produção da notícia.

O *gatewatcher* combina as funções de um repórter com as de um bibliotecário informacional. Pois, além de entrevistar e checar fontes, analisar dados, produzir conteúdos, ele também é o responsável por organizar toda essa informação, inclusive à desenvolvida pela audiência. Consideramos que o cartógrafo da informação mantém esses papéis, mas dá um passo adiante, salientando que este profissional deve levar em conta a constituição do hiperdocumento no qual essa interação é realizada, além da exploração das mídias convergentes e o seu formato no ambiente digital. Faz-se necessária a diferenciação de sua atuação em versões *online* de publicações *offline* (jornais impressos) e em hiperdocumentos presentes exclusivamente no ciberespaço.

A seleção e a hierarquização da informação caminham juntas, mas não embutidas entre si como nos meios de comunicação de massa. Isto ocorre, contudo, pela possibilidade da participação mais ativa dos interagentes trabalhando como co-autores no processo comunicacional e pelo “consumo” do que buscam. Assim, esse interagente escolhe, absorve e pontua aquilo que lhe interessa.

É a inter-relação o elemento essencial na prática do Jornalismo Colaborativo e que constitui um processo de mediação diferenciada da Internet. O fluxo informacional produzido e consumido no espaço público¹⁶ de ambientes interacionais é contínuo. O interlocutor, ao lidar com toda esta gama de informações, pressupõe certo grau de reconhecimento de seus valores de identidade, para que ele esteja apto ao não apenas sistematizar o conteúdo, mas “correlacioná-lo de modo que não haja insuficiência de informações ou dispersão/sobrecarga cognitiva” entre os interagentes.

¹⁵ “Gatewatchers são capazes de manter os portões pelos quais as notícias e informações passam (...). (...) Portanto, como termo implica, gatewatchers mantêm uma constata vigília nos portões, e ressalta aqueles portões para os leitores mais prováveis de abrir conteúdos úteis.”. (Burns, 2003, p.08) – Tradução de Laura Aguiar

¹⁶ Considerando a definição de Wolton (2004) de espaço de como o elemento simbólico “no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios, dos agente políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade”.



Categorias analisadas nos sites

Após estudar as possíveis (re)configurações do espaço público na mídia digital e evidenciar o papel do webjornalista como cartógrafo da informação, a pesquisa definiu questões a serem observadas nos três sites selecionados, no que diz respeito ao sistema *bottom-up news*. Foram empregadas as seguintes categorias de análises aos hiperdocumentos: 1) estratégias cognitivas de publicação; 2) competência discursiva; 3) processos de co-enunciação; 4) elementos de organização de significados; 5) atividades em espaços relacionais e 6) configuração de espaço público relacional.

A primeira categoria contempla os processos de auto-organização descentralizada, singularização e desenvolvimento simbiótico, de acordo com os conceitos organizacionais da Teoria da Complexidade (Morin, 1991). O primeiro ponto trata de um sistema emergente: processos relacionais de caráter descentralizado, na mídia *online*, entre editores, repórteres e audiência na produção e publicação da notícia. Segundo Morin (1991), a capacidade de auto-organização de um sistema complexo – conforme consideramos o ciberespaço – é definida por dois pólos conceituais: Parte/Todo – singularização – e Parte/Parte – simbiose.

A competência discursiva é relativa aos conhecimentos culturais e ideológicos, enfatizando a dessemelhança (discurso polêmico) ou voltando-se para a similitude (discurso cúmplice) em determinados momentos (Fiorin, 2002). A terceira categoria de análise, chamada de processos de co-enunciação, aborda os seguintes pontos: seleção, hierarquização, enquadramento e personalização. Podemos considerar, conforme explicita Fiorin (2002), que estas categorias não apontam para uma relação estática, mas sim constituem “um ato comunicacional dinâmico ou performance”. Cabe a seleção a análise do armazenamento do conteúdo (banco de dados), os sistemas de buscas e o trabalho de ranqueamento de um hiperdocumento. A hierarquização trata de como o conteúdo será disposto no *site*. A audiência pode ter influência, dando relevância a matérias e influenciando sua posição na página. O enquadramento analisa as narrativas dos textos, se elas são capazes de contextualizar o assunto tratado. A personalização diz respeito à possibilidade do interagente de mudar a apresentação do *site* de acordo com seus interesses. Marcar os textos e editoriais de sua preferência são exemplos práticos.

A criação de um meio social entre os interagente de um *site* que promova o Jornalismo Colaborativo está incluída na categoria atividade em espaços relacionais.



Esta trata das condutas e ações dos interagentes, num processo de identificação com o espaço público relacional. A interação pode-se dar em canais para comunicação: lista de discussão, bate-papos, fóruns, serviços de mensagens, etc. Alguns *sites* possuem um sistema de ranqueamento, que destaca o material dos membros mais bem avaliados e que, assim, ganham maior credibilidade. O importante é que haja a distribuição, publicação e fluxo contínuo de informação.

Os três *sites* analisados trabalham com uma estrutura interacional e com a participação ativa da audiência na produção de informação. Os próprios canais de comentários e conversação disponibilizados já indicam uma abertura na relação entre os editores, redatores e autores. Pautas e textos têm condições de ser discutidos entre todos os interagentes e complementadas a qualquer momento, seja a partir de um comentário, *post*, lista de discussão ou sistema de fórum. A própria abertura para o desenvolvimento de assuntos que não são cobertos pela grande mídia também possibilita um trabalho mais integrado, pois abre espaço para novos contextos, novos pontos de vista que enriquecem a discussão e a produção de conteúdo. Nos *sites Slashdot e o OMNI*, os interagentes ainda podem dar um *feedback* a respeito do próprio sistema de funcionamento do hiperdocumento, de ponderar sobre as publicações, as políticas editoriais e as ferramentas dos *sites*.

Outro fator que reforça o caráter interacional desses hiperdocumentos é a preocupação em confrontar a participação da audiência para gerar conteúdos de qualidade. A troca de informação e a abertura de canais para a sua discussão são vitais para viabilizar esse processo. O OMNI possui um planejamento jornalístico. Seus membros podem acessar uma espécie de assessoria, com sugestões de pauta, enquetes, opções de *chat* e fórum, reprovando ou aprovando pautas. A estruturação dos hiperdocumentos facilita, em níveis diferentes, a interlocução. Cada um possibilita a produção e distribuição de conteúdos.

Segundo Bernardo Kucinski (2005), o grande significado social da Internet é que ela “abriu novo caminho que devolve ao trabalhador intelectual sua autonomia como produtor. (...) a comunicação libertária”. Os três *sites* exemplificados refletem essa ordem descentralizadora, em que cada interagente tem a oportunidade de produzir e agregar seu contexto e ponto de vista. Mas para que essa estrutura funcionasse, foi preciso que equipes editoriais exercessem sua função de cartógrafo da informação.

As categorias analisadas evidenciam a importância desse papel. Os três *sites* privilegiam discursos polêmicos ou cúmplices. Isso se dá porque os interagentes



compartilham de códigos, conhecimentos culturais semelhantes, que os permitem discutir determinados assuntos. Esses laços de identificação foram propiciados pelos idealizadores dos hiperdocumentos, que através de estudos e planejados definiram relações comuns a todos. Um meio social foi desenvolvido. Essa mesma “ponte” criada internamente é expandida a outras comunidades virtuais. Novos contextos são apresentados constantemente.

Outra função do cartógrafo de informação que se explicita é a relativa aos processos de co-enunciação. A seleção, hierarquização e o enquadramento dos conteúdos são trabalhados sob os interesses da audiência. Desde o armazenamento, os sistemas de buscas e ranqueamento até a disposição dos conteúdos nas páginas são pensados a partir de critérios de usabilidade e adaptação às necessidades e vontades dos interagentes. A própria personalização é um exemplo. A importância desse processo está no desenvolvimento de sentidos. A interlocução é privilegiada.

Para potencializar a participação da audiência e produzir informações qualificadas, canais para troca de informação e discussão são possibilitados. As sugestões de pautas, complementos de conteúdos, enquetes são viabilizados por recursos como *chats*, *posts*, lista de discussão, fóruns, etc. O suporte necessário para a efetivação da prática interacional no sistema de produção da informação efetiva-se. Com isso, consegue-se “(...) contribuir para um debate social que procura renovar os interlocutores legítimos e pôr em causa o monopólio dos especialistas e dos detentores de cargos eleitos sobre hierarquia das questões debatidas”. (Neveu, pp.125,126, 2003) O cartógrafo da informação coopera para narrativas diferenciadas – no que diz respeito à construção coletiva – e sua disseminação.

Perspectiva para a elaboração de um *site*-referência

A pesquisa “*Participatory Journalism*”: práticas e papéis dos jornalistas na Internet” também prevê a elaboração de um *site*-referência sobre Webjornalismo Participativo, em que os processos inter-relacionais na mídia digital serão priorizados e desenvolvidos. O *site*-referência, de cunho acadêmico e pioneiro no Brasil, deverá colaborar para que essa (re)configuração do papel do jornalista na Internet seja melhor considerada, avaliada e compreendida por estudantes e pesquisadores de Comunicação Social



O *site*-referência – que deverá ir ao ar no início do segundo semestre de 2007 – funcionará como uma comunidade jornalística, em que interagentes cadastrados e sua equipe editorial¹⁷ possam trabalhar em conjunto na produção, organização e publicação de textos. Sua produção será dividida em duas áreas específicas. A primeira relaciona-se com a matéria especial, em que a equipe editorial irá sugerir uma pauta (o que não impede que também os demais interagentes possam indicá-las) ,que terá um tempo pré-estabelecido para ser desenvolvida, de acordo com a demanda e complexidade para sua conclusão. Os interagentes poderão participar quando se interessarem pelo assunto e definir sua própria função; repórter fotógrafo, redator, entrevistador, pesquisador; redator, na produção da mesma.

O texto terá duas versões anteriores à versão final, as quais serão colocadas na parte interna do hiperdocumento, onde somente a equipe editorial e os interagentes cadastrados terão acesso. A primeira versão da reportagem postada poderá ser corrigida, adaptada e alterada. O mesmo ocorrerá, quando novamente, for recolocada no espaço interno do *site*-referência para uma segunda verificação. Somente o texto definitivo irá para a página principal do *site*. Os interagentes podem visualizar as etapas de produção e o que foi corrigido, alterado ou complementado, já que todas as versões do conteúdo estarão disponíveis para consulta.

A segunda área relaciona-se com quatro editorias, Cultura, Mundo Digital, Esporte e Cotidiano, que postadas logo abaixo da matéria principal, direcionarão o processo comunicacional. Sua produção será exclusivamente da audiência – devidamente cadastrada no *site*. Ao se cadastrar, o participante desta comunidade de produção e pesquisa jornalística poderá escolher uma editoria com a qual tenha mais identificação; isso facilitará a sua escolha de pautas e a seleção do conteúdo de seu interesse. Os textos produzidos passarão por um período de avaliação de 48 horas.

Um sistema de ranqueamento dos conteúdos será disponibilizado por editoria. Com isso, os interagentes terão a possibilidade de classificar cada matéria e, conseqüentemente, seus autores. Aqueles que alcançarem maior grau de credibilidade terão sua produção destacada nos páginas das editorias e nas próximas publicações terão um *status* maior. Os interagentes que participarem desse processo também terão mais autonomia nas edições seguintes. O mesmo acontecerá com a equipe editorial. O quesito participação será essencial. Todo o material produzido poderá ser complementado,

¹⁷ A equipe editorial será formada pela equipe do *site*- referência e pela professora e jornalista Ana Paola Amorim, responsável pelo veículo impresso da Universidade Fumec, “O Ponto”.



discutido e alterado através de caixas de comentários disponibilizadas logo abaixo dos textos. Ao escolher seus conteúdos, editoria de interesse e autores preferidos, os participantes cadastrados poderão saber das últimas publicações de seu gosto em uma espécie de área interna e pessoal.

As pautas serão disponibilizadas periodicamente pelo conselho editorial da publicação. Sugestões das matérias especiais vindas da audiência participativa também serão aceitas para serem discutidas e, eventualmente, trabalhadas. Os assuntos, enquadrados pelas editorias não estarão vinculados, necessariamente, ao agendamento dos meios de comunicação em massa. Temas de interesse público que propiciem análises críticas e com novos enfoques serão privilegiados. Não haverá problema caso mais de um interagente se candidate à execução de uma determinada pauta, uma vez que poderão chegar a um entendimento através de um canal de conversação entre os próprios participantes deste processo comunicacional. A troca informacional entre os próprios membros será contínua, o que facilitará a difusão de novos conteúdos e a complementação dos publicados. A entrega dos textos será estipulada de acordo com cada pauta e o tempo que se julgue necessário para seu desenvolvimento.

Os conteúdos publicados sobre determinado assunto poderão ser discutidos, corrigidos ou complementados. Se houver necessidade de mudanças, se constatado erro ou necessidade de novas informações, a equipe editorial destacará o que foi adicionado ou cortado, especificando a origem da observação feita. Quando for atualizada, a matéria logo passará para a parte superior da página, para que possa ser relida. O banco de dados do *site* será essencial para a otimização desse processo, pois o interagente poderá consultar publicações antigas efetuar as possíveis correções e atualizações.

A interação do projeto do *site*-referência irá avançar além das possibilidades do meio digital e terá espaço também no meio *off line*. A equipe do jornal impresso O Ponto¹⁸ trabalhará em conjunto com a do hiperdocumento. Foi estabelecido que a pauta da matéria principal também será desenvolvida pelos repórteres de “O Ponto” e a reportagem publicada no *site*-referência. Com isso, poderá se comparar as estruturas utilizadas em ambos os veículos; diferenças de linguagens, o tratamento com as fontes, contextos abordados. O objetivo é que essas diferenças resultem em uma mútua complementação de conteúdo. A versão final, discutida, analisada e reescrita pelos

¹⁸ Veículo laboratorial impresso da Universidade Fumec, coordenado pela professora Ana Paola Amorim.



interagentes será publicada no veículo impresso. Abre-se mais um canal de discussão e interação.

Categorias de análises aplicadas ao *site*-referência

O *site*-referência que será elaborado como parte desta pesquisa se enquadrará nas seis categorias analisadas na primeira parte do projeto. Na categoria referente às estratégias cognitivas de publicação, além do espaço destinado à submissão de textos, dividido por editoriais, será criado um canal de conversação entre todos os interagentes. Com isso, a troca de material, a discussão de problemas e questões relacionadas ao conteúdo das publicações e das pautas serão viabilizadas. O conselho editorial será o responsável por fornecer e/ou estimular a criação da matéria-prima dessa interação e aprovar o que foi desenvolvido, após checagem de sua autenticidade.

No quesito singularização, o hiperdocumento não será afetado por não cobrir assuntos pautados pela agenda dos meios de comunicação de massa. As pautas serão desenvolvidas por questões de relevância e interesse público. Certamente alguns fatos que estão na *agenda setting* serão abordados, mas isso não será uma regra. A audiência não ficará presa a discussões iniciadas na grande mídia. Na categoria desenvolvimento simbiótico, a troca de informações entre os interagentes será o grande alicerce do *site*. Os interagentes poderão sugerir, elaborar pautas e participar do processo de apuração e desenvolvimento de textos em conjunto com os demais participantes deste processo relacional. O prazo estipulado para a entrega das matérias será definido de acordo com sua especificidade.

Como o *site* ainda está em fase de construção, ainda não é possível relativizar sua competência discursiva. Mas serão oferecidos meios para que os interagentes possam se expressar em forma de textos opinativos, observação, críticas, informações adicionais ou comentários. A terceira categoria de análise, chamada de processos de co-enunciação, aborda os seguintes pontos: seleção, hierarquização, enquadramento e personalização. Com relação à seleção, o *site* disponibilizará uma ferramenta de busca, dividido por data, editoria e subeditorias, para que usuários possam acessar matérias de seu banco de dados. O aspecto da memória informacional será privilegiado.

No quesito hierarquização, haverá a possibilidade dos usuários classificarem o material publicado em um sistema de ranqueamento. Os textos e autores que obtiverem maior grau de credibilidade ganharão destaque no hiperdocumento. As matérias



principais serão aquelas que melhor forem avaliadas pela audiência e pelo conselho editorial, que acompanhará o desenrolar de todo o processo. No enquadramento, o *site* primará por correlações com outros tópicos e publicações. Os *links* apontarão para diferentes hiperdocumentos da Internet, permitindo que os leitores possam conhecer campos informacionais externos. Os autores também poderão linkar expressões ou idéias, que podem ser explicados em outro *site* ou em outros artigos, no próprio texto. Como característica de personalização, o internauta terá uma página interna, em que suas preferências editoriais, textuais e autorais serão expressas.

Aproximar os agentes do processo comunicacional no suporte da mídia digital será um dos objetivos do *site*. Tal função se insere na categoria relativa à organização de significados. O interagente poderá sugerir, aprovar, reprovar pautas e textos em uma comunidade jornalística. A troca informacional será constante. A qualidade do conteúdo será discutida entre os produtores e a audiência, em um trabalho conjunto. A interação entre os participantes desta interlocução webjornalística é o que vai mover o *site*-referência. O objetivo é que haja produção de matérias, com orientação de jornalistas do conselho editorial, para que conteúdos relevantes sejam publicados e gerem repercussão entre os membros. Essas são as características referentes à categoria atividades em espaços relacionais. Quanto à configuração do espaço público relacional, a interlocução pretende ser facilitada pela estruturação do hiperdocumento, através da criação de um espaço para que seus membros possam sugerir, discutir, complementar ou corrigir pautas e textos.

A equipe editorial do *site*-referência terá como principal objetivo estimular a produção da audiência e trabalhar em conjunto com ela, exercendo o papel do jornalista como cartógrafo da informação. Além de sugerir pautas contextualizadas, não agendadas pelos *mass media*, a própria produção da matéria principal será desenvolvida com a audiência. Isso se reflete em mapear, criar, apontar caminhos, percebendo a capacidade, os níveis e as possibilidades informacionais dos interagentes, ou seja, desenvolver sentidos no processo comunicacional. E mesmo na área de editorias, onde toda a produção será feita pela audiência, a criação de um meio social para que as trocas aconteçam é de extrema importância. A equipe aqui torna-se um elo entre todos, proporcionando canais de discussão, análise e complementação do material intelectual disponibilizado. O interagente tem de se sentir parte essencial e ativa do todo. Esse sentimento virá com o compartilhamento de códigos culturais e com a credibilidade conquistada no *site*. O ranqueamento e o status fomentam esse processo.



A interação com o jornal impresso O Ponto fará com que o *site* leve os resultados também a outro meio acadêmico e de circulação. As matérias produzidas no hiperdocumento poderão ter a participação dos alunos, monitores ou voluntários do jornal em qualquer uma das fases de produção da reportagem final. Esta também será veiculada no jornal impresso. Desta forma haverá uma complementação entre os meios *on line e off line*, em que interagentes serão guiados por profissionais que farão a interlocução para a organização e produção do conteúdo a partir do estímulo à participação da audiência.

O *site*-referência pretende colocar em prática as possibilidades do Jornalismo Colaborativo, bem como compreender melhor suas estruturas. Será o projeto empírico da pesquisa. Vale ressaltar que o Brasil ainda não possui um *site* dessa natureza – associado à produção de um trabalho acadêmico – que potencialize a interlocução, a interação entre os agentes deste processo comunicacional. O desenvolvimento deste hiperdocumento, sempre primando pela função do webjornalista como cartógrafo da informação, é estimular a produção de conteúdo fora do imediatismo, da padronização dos meios de comunicação massa, utilizando a Internet como uma possibilidade de reconfiguração do espaço público. Os repórteres do *site*-referência serão todos aqueles – devidamente cadastrados – que desejam transmitir algum tipo de informação, agregando novos contextos, formas de tratamento e criticidade ao conteúdo produzido.



Referências bibliográficas

BRAMBILLA, Ana Maria. *Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2006

BRUNS, Axel. *Gatewatching not gatekeeping: collaborative online news*. Media International Australia n 107, pp.31-44, 2003. Disponível em <http://eprints.qut.edu.au/archive/00000180/>.

GILLMOR, Dan. *We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the*. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo na era virtual*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.2004

NEVEU, Erick. *Sociologia do Jornalismo*. Porto, Portugal: Porto Editora. 2005

PRIMO, A.; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. In VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, 2006, São Leopoldo. Anais 2006.

ROCHA, Jorge. *Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na Internet*. Artigo apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Rio de Janeiro, Setembro 2005. Disponível em CD-Rom.

ROCHA, Jorge. *O papel dos jornalistas nos processos interacionais do Participatory Journalism*. Artigo apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Brasília, Setembro 2006. Disponível em CD-Rom.

ROCHA, Jorge; PENIDO, Pedro. *(Re)configuração do papel do webjornalista: a atuação informacional do Participatory Journalism*. Artigo apresentado no I Encontro Nacional da Ulepicc, Niterói, Novembro 2006. Disponível em CD-Rom.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2004.